

A CASA TOMBADA

Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação
em Arte, Educação e Linguagem

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU:
PEDAGOGIA DAS MIUDEZAS NA EDUCAÇÃO
DAS INFÂNCIAS: SOBRE EPISTEMOLOGIAS,
UTOPIAS E TEIMOSIAS, REALIZADO PELO
PÓLO A CASA TOMBADA - CENTRO DE
ESTUDO, PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO EM
ARTE, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM, DA
FACONNECT - FACULDADES INTEGRADAS

JULIANA PERLE ATUI MOYA

ENTRE PASSOS: ENCONTROS DA INFÂNCIA

2025

RESUMO

Este ensaio nasce do desejo de tornar visíveis as miudezas que compõem o cotidiano das infâncias e que, muitas vezes, passam despercebidas na pressa do tempo produtivo.

No texto, reflito sobre experiências, memórias e encontros. Nesse percurso, trago a inspiradora tia Salime, entrelaçada à minha prática e ao desejo de que essa trajetória seja representada por um livro, contando com a participação de minha filha Valentina com suas ilustrações, reafirmando o lugar da criança como coautora e narradora de sentidos, ampliando assim, a escuta.

Este trabalho revela-se no entre. Entre o pensar e o fazer, o adulto e a criança, as memórias e as experiências...; entre um passo e outro. Num espaço que acolhe o tempo e a presença, o encanto das pequenas coisas e a potência criadora da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo. Escuta. Presença. Descoberta.

ABSTRACT

This essay arises from the desire to make visible the small details that compose the everyday life of childhood — those that often go unnoticed amid the rush of productive time.

In the text, I reflect on experiences, memories, and encounters. Along the way, I bring forth the inspiring Aunt Salime, intertwined with my own practice and with the wish that this journey be represented in a book — one that includes my daughter Valentina's illustrations, reaffirming the child's place as co-author and narrator of meaning, thus expanding the act of listening.

This work reveals itself in the in-between. Between thinking and doing, adult and child, memories and experiences, one step and the next. In a space that welcomes time and presence, the enchantment of small things, and the creative power of childhood.

KEYWORDS: Time. Listening. Presence. Discovery.

No *entre* do caminho

Ao longo do curso de pós-graduação lato senso “Pedagogia das miudezas na Educação das Infâncias”, fui tocada por novas formas de viver a educação. Cada encontro, cada partilha, ampliou meu olhar sobre a infância e sobre minha prática. Este ensaio, é portanto, o relato de uma travessia, um processo de transformação que culmina na proposta de um livro para a infância, desdobramento criativo e simbólico dessa formação que segue me atravessando.

O cotidiano na Educação Infantil é território fértil de encontros entre pessoas, ideias, sentimentos, materiais, conversas, rotinas, descobertas. Os encontros, no entanto, não são marcados por uma proposta planejada e programada com antecedência; eles acontecem também e principalmente, no inesperado, no silêncio da escuta atenta, no estado de presença, no encantamento com os detalhes, na surpresa do inusitado... com o assombro.

Na maioria das vezes, os encontros acontecem quando a professora está sozinha, se deslocando de um lugar para o outro, com uma das mãos carregadas de materiais ou pertences das crianças, e a outra agarrada na pequena mão que tenta a todo custo seguir para o lado oposto, o lado que a encanta. Enquanto isso, outras crianças também se encantam pelo caminho, abaixam, pegam, jogam, voltam, empurram o amigo para ver melhor uma pedra rara, uma gota, o orvalho. Os encontros acontecem quando a professora tenta criar mais braços para acolher a criança que tropeçou e ralou o joelho. Como estar presente e vivo nessa relação? Como transformar~~transnformar~~ esses encontros em experiências atravessadoras?

Mas se todos nós estamos inseridos na vida ordinária cotidiana, como não sermos tragados por ela? Como não nos acostumar~~mos~~ e não nos anestesiarmos? (RIBEIRO, 2022, p.98)

O que realmente significa estar presente, inteiro, disponível — física e emocionalmente no cotidiano — das crianças? Entregar-se ao que as crianças dizem, mostram e sentem exige uma atenção e um estado de presença constante, um olhar atento que acolhe e valida. É nesta escuta ativa que surgem pistas para a organização ou reorganização do cotidiano, abertura para novas investigações e experiências ricas e significativas ~~significativa~~, e para a construção de relações mais humanas.

-É importante refletir sobre como cuidar e construir uma rotina que não cerceia, não limita, mas que impulsiona a curiosidade, o movimento, a imaginação e a expressão de cada criança em sua singularidade e o recalculando rota.

Olhar para o cotidiano com olhos de estranhamento e encantamento nos convida a refletirmos sobre os organizadores do processo educativo, interrogando-os a serviço de quê ou de quem eles estão. (...) (RIBEIRO, 2022, p.98)

Reconhecer que as crianças são um estado de presença, é um ponto de partida potente. Elas são capazes de se assombrar com situações, elementos e ideias que os adultos muitas vezes não são capazes, ou quando são, precisam se desconstruir para construir de novo, num esforço gigantesco em direção ao encantamento.

Compreender isso nos ajuda a planejar com mais abertura, flexibilidade e disposição para escutar os caminhos que emergem dos próprios interesses infantis. A ideia de cotidiano como currículo, nos convida a refletir sobre o que muitas vezes está fragmentado, mas que na verdade deveria estar conectado entre conteúdo e o que é vivido, compreendendo que os saberes se constroem no ordinário.

As palavras "tempo", "assombro", "presença", "ritmo", "cuidado" e "ética" não são apenas conceitos abstratos ou termos recorrentes em discursos pedagógicos. São convites à escuta, à delicadeza e à atenção com o que pulsa no dia a dia com as crianças. Cada uma carrega uma maneira de ser e estar no mundo e de se relacionar com o outro. Incorporá-las em nossa prática exige sensibilidade, coerência e abertura ao imprevisível. São posturas que, como uma bússola, podem guiar nossa caminhada.

A presença é mais do que estar fisicamente com a criança; é estar inteira, com atenção, intenção e entrega. O cuidado é o solo no qual a criança cresce e se desenvolve. O assombro, o encantamento com o que é novo, o micro que se torna macro, o que é invisível para olhos distraídos, tudo é linguagem da infância.

... é possível que encontremos a potência e fertilidade de escolas que se expressem por meio da existência de mais janelas do que cadeados, mais transparências do que grades, mais natureza do que plástico, mais terra do que concreto, mais oportunidades de ver a chuva cair do que a sala repetir, mais convite a rastros e pegadas do que limpeza e esterilização. Lugares dos corpos livres e não padronizados, por onde se multipliquem ateliês e laboratórios amplos a substituir miúdas salas compartimentadas. Quanta potência os espaços podem oferecer! (OLIVEIRA, 2021, p. 21)

Bruna Ribeiro, ao refletir sobre o cotidiano na Educação Infantil, defende que este *“contenha a dimensão conhecida por adultos e crianças, mas que também reserve espaço onde o novo possa surgir e ser inaugurado”* (RIBEIRO, 2022, p.96). Isso nos convida a abandonar a lógica da aceleração escolar e a construir uma rotina que respeite o ritmo de cada criança.

Essa prática exige a desconstrução de pensamentos e ações intrínsecas ao dia a dia, e a construção de um olhar mais sensível e investigativo sobre as cenas do cotidiano, como os caminhos percorridos, os "minimundos" revelados e explorados pelas crianças ou os tempos de espera. Inúmeras são as possibilidades de criação, correlação, inspiração e invenção durante esses encontros não programados, mas nem por isso, menos importantes. Pelo contrário, torna-se ainda mais curioso e interessante.

Quando nos entregamos a uma relação viva e presente, percebemos que os encontros acontecem ali, no inesperado, no não planejado, entre um lugar e outro, no olhar curioso da criança para um grão de areia ou para uma gota na folha caída no chão, no momento não adequado para o planejamento, mas é ali que acontecem.

Pois a criança enxerga o mundo em suas múltiplas camadas, nada se achata, nada é raso e há sempre um mínimo copo de mar para navegar (como diz o poeta Jorge de Lima). Onde nós, adultos, muitas vezes enxergamos paisagem, pano de fundo, cenário sem relevo ou relevâncias, as crianças são capazes de desvelar inúmeras camadas e espaços *entre*. Pois é nesse *entre*, vistos com olhos de muita presença e encolhimento, que se passa a ver o tal do lugar: ele está ali. (OLIVEIRA, 2021, p. 95)

PAo pensar sobre onde e como acontecem os encontros, e de que forma eles podem ser considerados, é também refletir sobre o lugar da infância, do tempo e da escuta na escola. É aceitar o convite ao desacelerar, ressignificar saberes, para acolher o assombro, o novo e a difícil e deliciosa missão de transformar o ordinário em extraordinário.

Esse é um convite às ações comprometidas com a ética do cuidado, com a escuta sensível e com a valorização da experiência viva e diária das crianças. É um chamado para desacelerar, observar com atenção e se abrir àquilo que surge nos

pequenos dedos apontados, nas perguntas e dúvidas, nos silêncios, no corpo que fala.

— Que essas sementes floresçam em práticas que considerem a presença da criança em sua inteireza, reconhecendo que cada encontro é uma possibilidade de vínculo, afeto e aprendizagem mútua.

Que a rotina escolar, não seja uma “podadora” de possibilidades, mas que impulse a potência e o desejo de aprender.

Muito podemos aprender com a criança, basta observá-las e escutar com sensibilidade—. Elas já são. São presença. São vida. São vivas. Nós educadores precisamos ir ao encontro delas, sentir o coração bater na mesma frequência. Temos de ser resistência no enfrentamento ao aceleramento, ao produto, ao cronos, ao que está por vir, pois e somente virá se estivermos presentes. Temos de criar condições para nos permitir estar vivos nesta relação, a fim de dar as mãos às crianças, e seguir rumo ao novo.-

Quando se respeita o ritmo das crianças, garante-se a oportunidade de viver o tempo da infância, marcado pelo assombro e pela curiosidade, se estende a aprender a respeitar o nosso próprio tempo, nosso ritmo. É colocar os materiais no chão, soltar a mão que quer voar, é desocupar as mãos e envolver-se também, na descoberta, no encantamento.

Herança de Salime

Sou afilhada de professora. Minha tia Salime, era assim que a chamava. Ela lecionava para crianças do fundamental 1. A melhor professora na escola e na vida. Minha inspiração para buscar fazer sempre o melhor como um ser humano educador.

Com ela, visitava as escolas que lecionava. Ela era querida, amada pelos alunos.

A relação que mantinha com eles era uma experiência incrível, que os atravessava e ~~es~~ deixava marcas.

Ela cuidava deles dentro e fora da escola. Fazia de tudo para mantê-los no ambiente escolar, buscava, levava, acolhia em sua casa, ajudava no que podia. Era presente, transgressora, era viva em suas relações que transcendiam a sala de aula. Inquieta, pesquisadora, suas aulas eram experiências ricas. A simplicidade grandiosa de saber transformar e encantar. Tive o privilégio de acompanhá-la muitas vezes em suas aulas.

Lembro-me da forma acolhedora e engraçada que se relacionava com as crianças. Era natural, usava o cotidiano ao seu favor: a relação, o encontro com o outro, com o espaço, com materiais, encontro com o mundo, transformando-o em conteúdos que não se encontram nos livros didáticos, mas que ficam para a vida.

Nesses encontros, ela tinha braços e olhos que davam conta de tudo. Como ela conseguia? Como ela se entregava? Talvez a resposta seja tão simples quanto sua maneira de encarar sua profissão: leveza.

Quando iniciei a pós das miudezas, não imaginava o quanto seria atravessada. A primeira imersão que participei foi sobre Ecologias do cuidado no Brasil profundo, na escola Waldorf – Jardim dos Passarinhos, com Rodrigo Carancho. Nesse dia fizemos uma dinâmica em que fomos incentivados a fazer um *inventário pessoal de cuidado*. Dentre tantos momentos em que me senti cuidada em toda a minha vida, nesse inventário compartilho também, as formas em que me senti cuidada por tia Salime: “*O acolhimento, carinho, respeito, olhar, escuta de tia Salime, sempre me considerando, me validando e me dando o contorno respeitoso quando necessário.*”

Ao reler o inventário, percebo que os atravessamentos de minha madrinha em minha vida, como professora, mãe e mulher, muito tem a ver com os princípios semeados pela pós das miudezas e com tudo o que eu quero dizer aqui no texto: acolhimento, escuta, respeito e presença.

Será que estou sendo Salime? Será que estou acolhendo os interesses? Escutando a curiosidade? Estou respeitando o estado de presença das crianças nesses encontros? Estou validando-os? Considerando-os? Transformando-os em experiências que marcam suas vidas? Ou estou apenas pensando no relógio, nas demandas, nos deveres a serem cumpridos?

Talvez o fato de questionar-me sobre minhas ações, já seja um grande passo em direção à resposta.

Talvez, a leveza que sentia ao assistir as aulas da minha madrinha, seja parte da resposta.

Talvez, considerar o inesperado, esperado, permita que nos entreguemos a esses momentos, tornando natural uma rotina rítmica, de contração e a expansão, caos e a ordem como, diz Bruna Ribeiro. Um direito não apenas da criança, mas também do professor, podendo experimentar toda a potencia desses encontros vivos e pulsantes.

Façamos – e sejamos – escolas que nos provoquem o risco do encontro. Do encontro com outras crianças, outras idades, educadores de todos os cargos existentes, árvores, folhas, formigas, poça de chuva, céu, fogo, terra, imprevistos. (OLIVEIRA, 2021, p. 58)

O tempo da infância como morada

Como professora de Educação Infantil, vivo a angústia — entre as demandas (rotina, horários, etc) e o que realmente importa para as crianças. É um verdadeiro duelo entre o cronos e o kairós. Do que a criança precisa? Do que o educador precisa? Presença.

—Para escrever este texto, tive como inspiração, minha atual turma. Neste ano estamos pesquisando sobre os encontros. Onde e como eles acontecem? Como validá-los? Como investigá-los? O que investigar —?

—A cada passo dado, uma nova possibilidade de construir o conhecimento. Conseguimos nos aprofundar em tudo? Não. Temos de escolher em que nos aprofundar. Mas, é fundamental que em todos os encontros nos esforcemos para considerá-los respeitando o ritmo da criança.

—É importante que se estabeleça uma rotina que seja um conjunto de ritmos, construída com base nas interações da criança com o ambiente e com os outros, estimulando a curiosidade e a participação ativa.

Pensemos no que significa ritmo para a natureza. As ondas tem seu movimento de ir e vir, assim como nosso ato de respirar que, na inspiração e expiração, contém o movimento de expansão e contração; o próprio ato de formação das galáxias é caracterizado por esses dois momentos distintos, mas complementares: contração e expansão, caos e ordem. Esse mesmo ritmo que rege a natureza rege a natureza dos bebês e das crianças, por isso estruturar um ritmo diário que intercale momentos de expansão e contração, dentro e fora, caos e ordem é fundamental para a organização física, psíquica e cognitiva dos bebês e das crianças. (RIBEIRO, Bruna, p. 57)

Percebendo a riqueza dos encontros vividos pelas crianças, em especial meus alunos, ~~em relação aos~~ ~~sobre os~~ quais me debruço com mais intensidade, passei a me envolver mais profundamente, fazendo o difícil exercício de tentar olhar para esses momentos com os olhos de criança, percebendo neles sua potência e possibilidades para enriquecer e contribuir com as pesquisas.

O que esses encontros significam para as crianças? Por que elas conseguem se entregar em um estado de presença tão profundo? E como podemos nos valer desses momentos para transformá-los em pesquisa?

O caminhar feito com intencionalidade, é um exercício de presença mais do que de passagem. Percorrer um espaço com atenção aos elementos estéticos e entrega aos convites que surgem ao tato e ao olhar é um modo de habitá-lo. (OLIVEIRA, 2021, p. 52)

Para refletir sobre, compartilho um momento vivido em uma manhã com a minha turma. Quando penso nessa história, me coloco no lugar de espectadora, como se estivesse assistindo a cena.

Era dia de quintal... as crianças estavam animadas! O caminho que leva para o quintal, guarda muitas aventuras e ricos encontros!

Primeira parada... o elevador...

No elevador a professora canta:

- Vai, vai, vai foguetinho vaaaaai!

E o elevador se transforma então em um poderoso foguete.

Dentro dele agora há incríveis astronautas...

Ao seu redor, estrelas e meteoros... uma galáxia inteira de possibilidades.

A porta se abre...

- Um de cada vez... vamos... a outra turma precisa usar o elevador! – diz a voz da professora trazendo-os de volta ao mundo real.

Tic tac tic tac

E as crianças seguem... num trem com vagões vivos, sabidos e presentes.

Um, dois, três, quatro, cinco passos e os encontros começam a acontecer.

Uma folha caída no chão.

Nela, gotinhas de orvalho.

E uma criança sai do trem como um vagão descarrilado.

- Olha o que eu encontrei! – anunciou ela, que logo conquistou companhia.

Agora são duas crianças deitadas com a barriga no chão, com as mãos gordinhas apoiando os queixos. Olhos curiosos e vibrantes. O que elas enxergam?

Tic tac tic tac

No mesmo trajeto, mais uma criança para enquanto o trem segue e observa uma professora lavando os pés de um bebê. A areia escorre pelas pequenas pernas... um mar se forma no lava pés... O que ela vê? O que ela sente?

Outro encontro pelo caminho.

Ah a amoreira... como as crianças gostam das amoras. Verdes, vermelhas ou pretas... não importa... elas fascinam.

Olhar desejoso... pezinhos sorrateiros se desviam do caminho, e correm pela areia até o pé de amora.

Pontinha de pé, braços esticados, a vontade se vê na pontinha dos dedos que buscam um galho... um fruto.

- Tia, encontrei um tesouro! – disse a criança sobre a amora caída na areia.

- Posso lavar? – perguntou

Que delícia! Verde ou madura... o sabor está no encontro.

- Vamos crianças! Temos de ir para o quintal! – chama a voz da professora.

O destino chama, o relógio corre...

Tic tac tic tac

A professora tem pressa... tem horário...

As mãos estão ocupadas.

Uma mão segura uma bandeja pesada. A outra segura a mão de uma criança que quer desbravar... quer voar...

A professora sabe o que deve fazer, e ela quer fazer...

O encontro está ali, não em outro lugar...

Ela quer colocar a bandeja no chão... desocupar as mãos... soltar a mão que quer voar e, deixar-se envolver, também, na descoberta... no assombro.

Mas enquanto isso...

Tic tac tic tac

Cada experiência vivida no caminho até o quintal revela a infância como tempo de descobertas, imaginação e encontros. A brincadeira, a interação com o ambiente, a exploração das sensações, a relação com o outro, a presença. O quintal foi o

destino, mas os atravessamentos se deram pelos encontros possibilitados no caminho, mostrando que é no percurso que se encontram as riquezas. No simples que pode ser transformado ao revelar a sua grandeza, pelo olhar inaugural da criança e com o encantamento da descoberta.

—Que essas sementes floresçam em práticas que considerem a presença da criança em sua inteireza, reconhecendo que cada encontro é uma possibilidade de vínculo, afeto e aprendizagem mútua.

Que a rotina escolar não seja uma “podadora” de possibilidades, mas que impulse a potência e o desejo de aprender.

Escrita de um livro

Desta experiência diária, dos encontros vividos pelos pequenos e do relato compartilhado acima, nasce em mim o desejo de transformar esta história em um livro infantil, a fim de tornar visível o estado de presença das crianças nesses momentos e, ao mesmo tempo, refletir sobre a rotina intensa de uma professora em seu cotidiano escolar.

Escolher apresentar um rascunho, é expor o movimento da escrita em seu estado vivo, onde as ideias ainda respiram, se misturam e buscam forma. É nesse inacabamento que encontro espaço para aprofundar sentidos e permitir que o livro continue nascendo.

Compartilho a seguir, uma pequena reflexão sobre algumas possibilidades que podem acontecer a partir dos encontros imprevisíveis, para que possamos ampliar nosso olhar e validar a riqueza e a potência existente neles, e para que, assim, como educadores, nos inspiremos a nos desprender da rigidez do cronos, e acolher o movimento vivo da infância.

- Encontro no elevador/ foguete:

Num instante o espaço apertado do elevador, se transforma em um foguete com astronautas destemidos. Nos olhares é possível ver criação, imaginação, linguagem e interação. As crianças criam papéis e uma narrativa coletiva.

- Encontro com a gota de orvalho na folha:

Os olhos percorrem cada detalhe daquele pequena cena da natureza. Nesse momento, há encantamento, partilha e investigação. As crianças observam, exploram, ampliando suas percepções sensoriais, compartilham perguntas e criam suas hipóteses. A folha se torna um cenário de pesquisa, um laboratório, ateliê.

- **Encontro no lava-pés:**

A criança exercita a sensibilidade do outro, ampliando a capacidade de se reconhecer um gesto de demonstração de afeto, aprimorando suas noções de cuidado e respeito. Mais um vez a potencia do cotidiano se revela como um espaço para se aprender, não somente sobre o mundo, mas na vida que pulsa na relação.

- **Encontro com a amoreira:**

Cores, formas, texturas, sabores, ciclos, tomada de decisão, planejamento, motricidade ampla e simples. Um simples pé de amora capaz de transformar atos singelos, em ações extraordinárias.

- **O encontro da professora com a professora:**

Dividida entre tarefa e cuidado, rotina e descoberta. Com o desejo de deixar-se atravessar pelo momento e ajustar-se ao equilíbrio dos extremos. Percebendo que o conhecimento pode ser construído com o simples fato de desacelerar, parar e entregar-se.

Traços que contam o que a infância sente

Como relatei anteriormente, elaborei, de forma prematura, um esboço do livro, no qual realizei pesquisas de imagens para visualizar melhor como ele poderia ganhar forma.

No entanto—, desde o início, a minha intenção é integrar minha filha, Valentina, de 8 anos, ao processo, pois além de possuir uma habilidade artística incrível, ela vem acompanhando todo o meu processo de escrita, pesquisa e reflexão sobre o assunto.

Mas, além do talento artístico— de Valentina, desejo contar com sua colaboração para compreender seu olhar de criança diante das histórias que vivenciamos.—

Procurando compreender como ela interpreta cada encontro relatado, e como imaginaria transformá-lo em imagens.

Dessa forma, penso que esse processo criativo infantil, enriqueça o livro por meio da ludicidade, alinhada ao olhar — e perspectiva de uma criança.

Conclusão

A partir das reflexões sobre os encontros vividos no cotidiano da Educação Infantil, é possível — entender o ambiente escolar com um território fértil para experiências significativas, respaldadas — pela certeza do inesperado, do não planejado.

Ao refletir sobre minha prática, evidencio a importância — de equilibrar as demandas, com a atenção plena às crianças, ressignificando o tempo da infância como tempo de presença e curiosidade, incluindo ao planejamento a possibilidade do imprevisto como fonte de conhecimento. Tornando o não planejado — e ressignificando — a rotina.

A ideia de transformar essas vivências em um livro infantil, nasce como uma estratégia para tornar visível a riqueza desses encontros articulando teoria, prática e criatividade, valorizando a perspectiva infantil, ao inserir uma criança no processo criativo, retratando nele toda sua profundidade e leveza.

Referências

RIBEIRO, Bruna. *Pedagogia das Miudezas: Saberes necessários a uma pedagogia que escuta*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.

RIBEIRO, Bruna. *Reinvindicando uma abordagem participativa com DNA Brasileiro, uma utopia em construção*. 1ª Edição. São Paulo: Diálogos, 2024.

OLIVEIRA, Rayssa. *Espaços afetivos – habitar a escola*. São Paulo: Diálogos, 2021.